

5 Conclusão

Para os “teólogos radicais”, Paul Tillich é um conservador, quiçá um neo-ortodoxo, e para os teólogos alinhados teologicamente com o fundamentalismo norte-americano, Paul Tillich é um liberal. Conservador ou não, ou sendo apenas um teólogo que transita entre a neo-ortodoxia e o liberalismo teológico, Paul Tillich é um teólogo inserido no seu tempo, alguém que dialogou com grandes intelectuais da sua época e, por isso, sentiu de perto o efeito do ateísmo e da dúvida sincera em relação a Deus. No entanto, o problema do ateísmo não é uma questão relevante para a América Latina. Temos Deus demais. Sem dúvida outra questão central trazida por P. Tillich, que foi discutida nesta dissertação, foi o problema do conhecimento humano, mais precisamente sobre o conhecimento de Deus dentro da problemática que envolve o modo de conhecer o mundo. Deus não pode ser objeto do conhecimento humano no modelo da razão instrumental, inspirado no dualismo cartesiano entre sujeito-objeto.

Por trás de toda essa discussão aparentemente teórica e com um pano de fundo filosófico imenso que perpassa toda a história da filosofia ocidental, esconde-se uma questão pastoral. Um problema de ordem prática que interfere na espiritualidade de mulheres e homens, que é a relação de seres humanos com o seu Deus. Um Deus que para muitos é uma realidade relacional, próxima, que foge ao controle. Mas para outros é apenas uma projeção idólatra de suas fantasias, sendo impossível separar Deus dos desejos infantis, de um ídolo protetor, ou de uma ama seca. O “deus”, objeto de manipulação pela razão humana é um ídolo que serve ao gosto daquele que tem o poder de manipular o Sagrado. O Deus do Evangelho, no entanto, é um Deus livre que vai e vem quando quer, acessível, que não está disponível para o ser humano. Ele também não é um ditador que faz do ser humano o seu objeto e o manipula como se fosse uma marionete, sem vida, sem vontade e sem liberdade.

O Deus apresentado por P. Tillich só pode ser dito por meio dos símbolos, porque ele é um Deus que não pode ser esgotado pela linguagem objetiva com pretensão de verdade absoluta. A linguagem comum não pode falar do mistério. Um mistério revelado, mas não esgotado, uma revelação que

é uma brisa suave sobre todos e que não tem a pretensão de ser um vento forte que deixa tudo descoberto, é um sutil levantar do véu. Esse Deus revelado que permanece mistério tão lembrado por místicos como o Pseudo Dionísio, com o seu para além de tudo dos *Nomes Divinos*, ou de Mestre Eckhart que traz dentro de si o *negar do negar*. Ele nega tudo o que não é Deus e também a si mesmo, toda vez que se mostra de um modo diferente, desvanecendo as falsas imagens que os seres humanos fazem dele.

O “Deus acima de Deus” trazido na pesquisa por Paul Tillich é um Deus que é e ao mesmo tempo tudo e nada. Nas palavras de Leonardo Boff, em *A mística do ser e do não ser*: “Deus é tudo e Deus é nada”. Essa é a experiência do místico que inclui a dualidade da vida, pois nada está fora de Deus, nem o bem, nem mal. O “Deus acima de Deus” afirma que o que sabemos de Deus é verdade, mas não sabemos tudo a seu respeito, pois estamos no terreno do mistério, do calar, do silêncio. O “Deus acima de Deus” significa que Deus está sempre pra além dele mesmo. Toda vez que ele se nega, ele só o faz para continuar sendo ele mesmo.

O Deus apresentado por P. Tillich não é diferente do Deus de Karl Barth, por isso ele pode repetir a famosa sentença barthiana: “Deus está no céu e você na terra”. O Deus de Paul Tillich não é um Deus fora do mundo, uma figura mitológica que mora num palácio, sentado num trono observando o mundo do alto e de quando em vez vem nos visitar para assegurar que tudo ocorra bem. Não, o Deus de P. Tillich é o fundamento do mundo, ou para repetir livremente a frase de Martinho Lutero: um Deus que está mais próximo das coisas do que as próprias coisas. Um Deus que não é uma coisa, uma parte do mundo, mas o todo, na linguagem de Eckhart. Ele não está fora do mundo, mas também não é igual ao mundo, existe uma distância, uma transcendência, que precisa ser preservada. É justamente essa transcendência expressa na sentença de K. Barth que precisa ser evocada na espiritualidade contemporânea. Deus é Deus e nós somos seres humanos.

O Deus apresentado nesta pesquisa não é um ídolo construído por mãos humanas ou pela subjetividade humana, mas um Deus que é sim, apreendido pela consciência humana, sem deixar de ser ele mesmo. O Deus apresentado aqui não é fruto de uma ingenuidade epistemológica que acredita em apreensões puras, que mesmo consciente das mediações acredita e sabe que o

acesso ao real se dá num misto de objetividade e subjetividade, da “volta às próprias coisas” que se dá na consciência humana. Não é um Deus do “retorno do recaiado” de Freud e nem uma ilusão. E muito menos é o grande Pai da interdição do incesto, o castrador.

Na tentativa de fugir de críticas como as de Freud, é que o “Deus acima de Deus” se faz necessário. Um Deus que é acolhido pelo ser humano através da fé. A fé para Paul Tillich não é um amontoado de asserções teológicas com pretensão de verdade absoluta, que devem ser aceitas como realidades que por carecerem de verossimilhanças, que precisam ser assimiladas sem questionamentos. Para P. Tillich a fé envolve o ser humano inteiro, sua razão, sua emoção, sua vida, pois é fonte de sentido. A fé como aquilo que nos toca incondicionalmente revela um conceito de fé que está para além da crença, por isso ela pode abarcar a dúvida. Não se trata de crer, acreditar, mas se deixar envolver pelo mistério. É Deus quem nos captura, é ele que vem até nós.

Neste sentido, P. Tillich está consonante com a teologia paulina e com os reformadores. O ser humano sozinho não pode se chegar a Deus, é Ele que vem ao nosso encontro em Jesus Cristo. A fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente se assemelha ao salto da fé de Kierkegaard, e a paixão infinita do filósofo dinamarquês. Trata-se de uma fé que não é rival da razão, mas que está para além dela e não contra ela. Na obra de P. Tillich está afirmação se próxima de Agostinho e da mística alemã, a mística do ser⁵²⁸.

De todas as influências na obra de P. Tillich uma das mais interessantes é a de Agostinho. Para Santo Agostinho, Deus habita na alma. Segundo P. Tillich, a (in)habitação de Deus na alma é anterior à separação entre sujeito e objeto, por este motivo a mística é o lugar da intuição, da experiência “imediate” de Deus. Para P. Tillich, assim como Leonardo Boff, na introdução da obra sobre os escritos de Mestre Eckhart, fazem uma distinção entre a via mística e o caminho da fé. De acordo com Leonardo Boff, o caminho da fé é o caminho do seguimento pautado na dimensão histórica da realização do Reino de Deus e na transformação das realidades terrenas. Já a via mística não conhece confissões, ela é uma experiência radical de unidade com o mundo e

⁵²⁸ ECKHART; BOFF, Leonardo. **Mestre Eckhart, a mística de ser e de não ter**. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 45.

com Deus, ela pressupõe um conhecimento “imediato” de Deus que está dialeticamente firmado numa unidade anterior a qualquer separação. Uma experiência que expressa o todo, mas que só pode se expressar em partes, na linguagem. O místico é um revolucionário, um rebelde que não se dobra a nada que não seja Deus. Nas palavras de L. Boff:

A mística em si mesma é libertadora. Ela rompe com os esquemas montados pela vontade de poder e de organização, seja religiosa seja da sociedade. O místico, por natureza é um criador e não um mero reprodutor do capital religioso. Em razão disto, todo místico padece de suspeitas e os controles das instituições porque a legitimidade de sua experiência não provém de critérios estabelecidos, mas pela verdade intrínseca do que experimenta e testemunha. O místico invoca Deus e não as autoridades religiosas como o garante de sua verdade⁵²⁹.

Para Paul Tillich, no entanto, a mística oriental precisa ser superada, pois nesta experiência há um total mergulho no ser, sem que haja espaço para a individualização e a dúvida. Mesmo assim, é uma maneira de superar o dualismo entre sujeito-objeto. Para Paul Tillich, na união extática entre Deus e o ser humano não há separação, assim como na experiência do todo de Mestre Eckhart. No entanto, na opinião do teólogo na união mística do *eros* com a alma, só há união porque pode haver afastamento, individualização. Essa é a realidade da mística cristã, ela só é uma experiência de Deus quando é tematizada. Para P. Tillich, a fé é superior a mística, e se analisarmos o caminho da mística apresentado por Leonardo Boff inspirado em Mestre Eckhart o que ele chama de mística poderia muito bem ser traduzido no conceito de fé de Paul Tillich. A fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente ou a aceitação da aceitação da *Coragem de Ser* é semelhante a via mística.

Na intuição da via mística há a percepção “imediata” de Deus: “Quer dizer que existe uma percepção imediata daquilo que transcende o sujeito e o objeto, que é o fundamento de tudo que existe dentro de nós”⁵³⁰. Nessa experiência mística existe a presença do infinito no finito, e o abismo entre sujeito e objeto é transcendido. O mesmo acontece na epistemologia de Agostinho, como Deus se revela na alma, ele não pode ser concebido como um objeto entre outros. Deus está no centro do ser humano, antes mesmo de

⁵²⁹ ECKHART; BOFF, Leonardo, 1983, p. 43.

⁵³⁰ TILLICH, Paul, 1986, p. 105.

qualquer separação ente subjetividade e objetividade. Deus não é um estranho, cuja existência ou não se pudesse discutir. Ele se faz presente, mesmo que a pessoa não tenha uma experiência nomeada. Na experiência da fé absoluta, Deus não é um objeto entre outros, pois não há um objeto a ser crido, o que há é uma entrega total. Porque a fé é a entrega incondicional, mesmo na dúvida. Deus é a única fonte de sentido.

Estudar Paul Tillich, então, não é dar voz a um teólogo heterodoxo rebelde sem fé, muito pelo contrario, é trazer da sua teologia uma fé que está acima de qualquer coisa. Uma fé que não depende de formulações teóricas elaborados, mas uma fé que se deixa possuir, se deixa penetrar pelo Mistério. Uma teologia inspirada nos clássicos, porém, como a cultura teológica é muito pobre atualmente, tudo o que um teólogo como P. Tillich diz, parece novo. A teologia de Paul Tillich não é uma repetição e nem uma novidade sem precedentes, pois está alicerçada no chão da tradição. Um trecho das Confissões de Agostinho mostra a presença do teólogo de Hipona na obra de P. Tillich:

(...) Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti. (...) E como invocarei o meu Deus, ó meu Deus e meu Senhor? Pois, ao invocá-lo, eu o chamarei para dentro de mim. Que lugar haverá em mim, onde o meu Deus possa vir? Onde virá Deus em mim, o Deus “que fez o céu e a terra”? Há, então, Senhor meu Deus, algo em mim que te possa conter? E o céu e a terra, que fizeste e nos quais me fizeste, são eles capazes de te conter? Ou então, visto que sem ti nada existe daquilo que existe, será que tudo que existe te contém? Portanto, já que eu de fato existo, porque tenho de pedir tua vinda a mim, a mim que não existiria se não estivesses em mim? (...) Pois eu não existiria, meu Deus, eu de forma alguma existiria, se não estivesses em mim. Ou melhor, eu não existiria se não existisse em ti, “de quem tudo, por quem tudo, em quem todas as coisas existem”? É assim, Senhor, é assim mesmo. Para onde te chamo, se já estou em ti? (...) ⁵³¹.

Deus nunca poderá ser objeto, porque ele não está fora como algo que possa ser conhecido independente do sujeito. Deus está presente no ser humano antes de qualquer ato cognitivo que separa o sujeito do objeto. Deus não pode ser um objeto manipulado, controlado, pois ele é tudo e está em todos, ele não é uma parte ou um ser entre outros seres, pois como nos lembra o texto bíblico: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos...” ⁵³². E a afirmação paulina de

⁵³¹ AGOSTINHO. *As Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984, pp. 15-17.

⁵³² Atos dos Apóstolos, 17, 28. Bíblia da CNBB.

que Deus será tudo em todos é a dimensão escatológica daquilo que vemos como por espelho, de uma imagem invertida, do que um dia veremos face a face. A alienação existencial que marca a finitude humana, separando-a daquilo que ele é essencialmente, é vencida pela revelação final em Jesus Cristo.

A crítica de I. Kant, e a constatação da *douta ignorância* de Nicolau de Cusa demonstram que o ser humano é finito e finita é a razão humana. Porém, como diria P. Tillich, a razão não é somente finita e na razão efetiva um pouco do infinito transparece no finito. A razão sozinha não consegue dar conta de realidades como a imortalidade da alma, a liberdade e Deus, o símbolo como participa das realidades que ele aponta transparece o divino. O símbolo seria, então, para alguns estudiosos, na opinião de Paul Ricoeur um lugar de reminiscência. Não foi nossa intenção nesta pesquisa provar essa afirmação do filósofo francês, mas em Paul Tillich é possível ver uma clara influência platônica e neoplatônica.

Paul Tillich, de maneira alguma é um ateu ou mesmo um panteísta, na verdade, a realidade de Deus para ele já é algo dado e impossível de não se admitir. Como mistério transcendente que não exclui a imanência - senão Deus não teria nada a ver com o mundo. Deus não pode se sujeitar ao modo de conhecer do ser humano que separa sujeito-objeto. Esse é um problema apresentado por P. Tillich que precisa ser superado pela fé. E a mística também é um caminho para que isso aconteça. No entanto, conhecimento que acontece na mística ou através da fé em algum momento deve estabelecer uma unidade com o real. Na linguagem do filósofo da ciência Karl Popper, tocamos o real, quando a realidade nega o modo como projetamos e impomos nossas hipóteses para entender o mundo. Na vida religiosa o mesmo acontece quando achamos que alcançamos Deus. Ele foge. Ele não se deixa aprisionar, consumir. O nosso Deus é um Deus que vela e se desvela.

No “Deus acima Deus” encontra-se uma resposta para essa questão apresentada acima. Deus se revela, nós o conhecemos no modo humano de conhecer, porém, além dele há outro Deus que não conhecemos, um Deus além de Deus. O Deus acima de Deus não é uma realidade que possa ser esgotado pela linguagem ou sentenças lógicas. O Deus do Evangelho, fonte inesgotável, mistério inefável, é um Deus de perto, mas também de longe. É o *Deus Absconditus* de Martinho de Lutero, também o Emmanuel. Sendo assim, tudo o

que falamos dele, falamos por aproximação, usamos a linguagem analógica, usamos o símbolo. Se o símbolo participa daquilo que ele que aponta, o que falamos dele é o que ele é, mas o que sabemos não reduz o que ele é.

Mas se usamos uma linguagem simbólica e se todo símbolo é gerado numa cultura, numa determinada época e lugar, a imagem de Deus e aquilo que julgamos conhecer a seu respeito depende da história, da cultura, do tempo. Neste sentido, nenhuma teologia pode ser absoluta, toda teologia guarda certa contingência. A teologia é ato segundo, como diria Gustavo Gutierrez, ela vem depois da fé. A fé, então, não é um assentimento a verdades teológicas que dependem da linguagem e que muda conforme mudam o tempo e o lugar. A fé é um ato que envolve a pessoa inteira através de uma confiança absoluta em um Deus. A fé no entendimento de P. Tillich é a coragem de aceitar quem nós somos e aceitar que somos aceitos, mesmo finitos, limitados e separados do que essencialmente somos. A fé, então, deixa de ser uma crença e passa ser sinônimo de encontro.

Se as igrejas no Brasil, sejam elas de matriz católica ou protestante, assimilassem que uma coisa é a fé e a outra é a expressão cultural dessa fé, ganharíamos muito em humildade, em aproximação e no diálogo ecumênico. Sem falar na vida eclesial que deixaria de lado um amontoado de dogmas e de resoluções doutrinárias, e se deixariam guiar pelo vento, pelo sopro do Espírito. Então, os espíritos arrogantes de nossa época; a palavra com pretensão de verdade absoluta; os donos dos telefones vermelhos que falam diretamente com o céu, portadores da vontade de Deus; todos eles seriam peças de museu. Se Deus fosse realmente para nós uma realidade transcendente, com a qual nada no mundo pudesse se reduzir a ele, seríamos mais reverentes e silenciosos. Economizaríamos muitas páginas de condenações e abriríamos somente nossos lábios para a *doxologia* e para expressar a terrível experiência de Isaías, *ai de mim que estou perecendo*.

É lamentável admitir que embora a teologia de Paul Tillich tenha influenciado grandes pensadores no Brasil e exista uma Sociedade Paul Tillich que realiza encontros e mantém uma revista eletrônica, o teólogo ainda é pouco conhecido. Muitos citam suas obras e expressões conhecidas, mas ainda é muito pouco. Outra contribuição de Paul Tillich às igrejas brasileiras é a ideia do *princípio protestante* que significa a superação da religião pela presença

espiritual. A Presença Espiritual, segundo P. Tillich, exclui o fanatismo, “porque onde Deus está presente nenhum ser humano pode se vangloriar de ser proprietário de Deus”⁵³³. Isso significa que *ninguém pode possuir aquilo pelo qual é possuído*. No princípio protestante, a entrega de Deus é o princípio de tudo, é um dom que supera a alienação, um ato incondicional da graça que perdoa e nos reconcilia com Deus⁵³⁴. A teologia de Paul Tillich, com a sua ideia de um “Deus acima de Deus”, do símbolo com a linguagem da fé, entre outros temas que não foram tratados nesta pesquisa e alguns que foram brevemente mencionados como a concepção do Novo Ser e agora a Presença Espiritual, poderiam ser resumidos no princípio protestante que é a tentativa de não se render a nada que não seja Deus. A rejeição de tudo o que não é Deus, é a *noite dos sentidos*, dos místicos. Nas palavras de Paul Tillich:

O princípio protestante expressa a superação da religião pela Presença Espiritual e, conseqüentemente, a vitória sobre as ambiguidades da religião, sua profanação e demonização. É protestante, porque protesta contra a autoelevação trágico--demoníaca da religião e liberta a religião de si mesma para outras funções do espírito humano, ao mesmo tempo em que liberta estas funções de seu auto--isolamento contra as manifestações do divino. O princípio protestante (uma manifestação do Espírito profético) não está restrito às igrejas da Reforma ou a qualquer outra igreja; ele transcende a igreja particular e é uma expressão da Comunidade Espiritual. Ele tem sido traído por todas as igrejas, inclusive pelas igrejas da Reforma, mas continua efetivo em toda igreja como o poder que impede que a profanação e a demonização completamente as igrejas cristãs. Ele não sozinho não é suficiente; também é necessária a “substância católica”, a corporação concreta da Presença Espiritual, mas ele é o critério demonização (e profanação) desta corporificação. O princípio protestante expressa a vitória do Espírito Santo sobre a religião⁵³⁵.

Aparecem possíveis desdobramentos desta pesquisa como o tema da eclesiologia em P. Tillich, a relação da Comunidade Espiritual com a Igreja; a comparação do princípio protestante com a mística cristã. Além disso, um possível desdobramento seria um diálogo com o filósofo francês Paul Ricoeur sobre a hermenêutica dos símbolos. O propósito da pesquisa foi refletir, então, sobre a fé que acolhe a revelação de um mistério. Falamos de um Deus transcendente que alcança o finito, o contingente. Falamos de um ser humano finito que não se conforma com sua finitude e como ser de finitude e transcendência sempre vai para além de si mesmo, ele enterra seus mortos,

⁵³³ TILLICH, Paul, 2005, p. 687.

⁵³⁴ Cf. *Ibid.*, p. 641.

⁵³⁵ *Ibid.*, pp. 687-688.

sonha em voar e deseja seu Deus. Um Deus que está infinitamente separado de nós, mas que faz um esforço infinito para nos alcançar e nos reconciliar com ele. E um ser humano que sabe que não é Deus e ao tomar consciência disso, tem a coragem de assumir a dúvida que sempre irá existir enquanto houver separação entre sujeito-objeto. A fé que experimenta através Graça, um Deus que se aproxima de nós. Um Deus que é tudo e por quem estamos irremediavelmente ligados, ele nos possui, e nada pode nos afastar desse amor e por isso podemos orar com Santa Teresa:

Nada te perturbe, Nada te espante,
 Tudo passa, Deus não muda,
 A paciência tudo alcança;
 Quem a Deus tem, Nada lhe falta:
 Só Deus basta.
 Eleva o pensamento, Ao céu sobe,
 Por nada te angusties, Nada te perturbe.
 A Jesus Cristo segue, Com peito grande,
 E, venha o que vier, Nada te espante.
 Vês a glória do mundo?
 É glória vã; Nada tem de estável,
 Tudo passa.
 Aspira às coisas celestes, Que sempre duram;
 Fiel e rico em promessas, Deus não muda.
 Ama-O como merece, Bondade imensa;
 Mas não há amor fino Sem a paciência.
 Confiança e fé viva Mantenha a alma,
 Que quem crê e espera Tudo alcança.
 Do inferno acossado Muito embora se veja,
 Burlará os seus furores Quem a Deus tem.
 Advenham-lhe desamparos, Cruzeis, desgraças;
 Sendo Deus o seu tesouro, Nada lhe falta.
 Ide, pois, bens do mundo, Ide, ditas vãs;
 Ainda que tudo perca,
 Só Deus basta.